

Fascismo neoliberal e mercantilização das universidades norte-americanas: repressão à liberdade de expressão e os movimentos de resistência estudantil*

Neoliberal fascism and the commodification of North American universities: repression of academic freedom and student resistance movements

Fascismo neoliberal y mercantilización de las universidades norteamericanas: represión a la libertad de expresión y los movimientos de resistencia estudiantil

Henry Armand Giroux**

 <https://orcid.org/0000-0003-1637-9142>

Gustavo de Oliveira Figueiredo***

 <https://orcid.org/0000-0003-2724-8826>

Resumo: Este artigo analisa o impacto do autoritarismo crescente sobre as universidades e o papel da dissidência estudantil em um contexto global de mercantilização da educação e repressão à liberdade acadêmica. Partindo do conceito de “fascismo neoliberal”, analisamos como governos de extrema-direita, bilionários e elites empresariais estão atacando as funções críticas das universidades, reduzindo-as a meros centros de conformidade e repressão intelectual. Utilizando exemplos de protestos estudantis em *campi* universitários nos Estados Unidos, como as manifestações contra a violência de Israel em Gaza, o texto aborda como a repressão violenta e a criminalização da dissidência são usadas para silenciar movimentos que questionam a ordem hegemônica. Em especial, discute-se o impacto do discurso autoritário na política para justificar a violência estatal contra estudantes que denunciam a ocupação e o genocídio palestino. Além disso, o texto argumenta que esse ataque à liberdade acadêmica e ao pensamento crítico faz parte de uma estratégia mais ampla para moldar as universidades à imagem de uma pedagogia de obediência, alinhada aos interesses neoliberais e fascistas. Conclui-se que a resistência estudantil e a formação política de professores e estudantes são elementos essenciais

* Esta pesquisa obteve apoio do Programa Institucional de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Print/Capes).

** Professor do Departamento de Estudos Culturais na Faculdade de Ciências Humanas da McMaster University, Canadá.
E-mail: <girouxh@mcmaster.ca>.

*** Professor do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: <gfigueiredo.ufrj@gmail.com>.

para desafiar essa mercantilização das universidades e preservar seu papel como espaços de pensamento livre e emancipatório.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Liberdade de expressão. Neoliberalismo. Universidade pública.

Abstract: This article analyzes the impact of growing authoritarianism on universities and the role of student dissent in a global context of educational commodification and repression of academic freedom. Starting from the concept of “neoliberal fascism,” it examines how far-right governments, billionaires, and corporate elites are attacking the critical functions of universities, reducing them to mere centers of conformity and intellectual repression. Using examples of student protests on college campuses in the United States, such as demonstrations against Israeli violence in Gaza, the text discusses how violent repression and the criminalization of dissent are used to silence movements that question the hegemonic order. In particular, it explores the impact of authoritarian discourse in politics to justify state violence against students who denounce the occupation and Palestinian genocide. Furthermore, the text argues that this attack on academic freedom and critical thinking is part of a broader strategy to shape universities into a pedagogy of obedience, aligned with neoliberal and fascist interests. The conclusion is that student resistance and the political education of teachers and students are essential elements to challenge the commodification of universities and preserve their role as spaces for free and emancipatory thought.

Keywords: Student movements. Academic freedom. Neoliberalism. Public university.

Resumen: El artículo analiza el impacto del creciente autoritarismo sobre las universidades y el papel de la disidencia estudiantil en un contexto global de mercantilización de la educación y represión de la libertad académica. Partiendo del concepto de “fascismo neoliberal”, se examina cómo gobiernos de extrema derecha, multimillonarios y élites empresariales están atacando las funciones críticas de las universidades, reduciéndolas a meros centros de conformidad y represión intelectual. A través de ejemplos de protestas estudiantiles en campus universitarios en Estados Unidos, como las manifestaciones contra la violencia de Israel en Gaza, el texto explora cómo la represión violenta y la criminalización de la disidencia son utilizadas para silenciar movimientos que cuestionan el orden hegemónico. En particular, se discute el impacto del discurso autoritario en la política para justificar la violencia estatal contra estudiantes que denuncian la ocupación y el genocidio palestino. Además, el texto argumenta que este ataque a la libertad académica y al pensamiento crítico forma parte de una estrategia más amplia para moldear las universidades a imagen de una pedagogía de obediencia, alineada con los intereses neoliberales y fascistas. Se concluye que la resistencia estudiantil y la formación política de profesores y estudiantes son elementos esenciales para desafiar esta mercantilización de las universidades y preservar su papel como espacios para el pensamiento libre y emancipador.

Palabras clave: Movimiento estudiantil. Libertad de expresión. Neoliberalismo. Universidad pública.

Introdução

A Educação Superior, como pilar fundamental para a construção de uma sociedade democrática e igualitária, enfrenta desafios sem precedentes em um mundo cada vez mais marcado pela mercantilização e pela ideologia neoliberal. As universidades, que deveriam ser espaços de promoção do diálogo crítico, reflexão e ação social, estão se transformando em arenas dominadas por interesses corporativos, em que o conhecimento é tratado como uma mercadoria. Nesse cenário, torna-se urgente investir na formação política de professores e estudantes das universidades públicas, capacitando-os a confrontar e questionar as narrativas que buscam silenciar a dissidência e a crítica. Ao conectar a educação à responsabilidade social e à luta histórica por justiça e igualdade, podemos redefinir o papel das instituições de ensino, garantindo que cumpram sua função primordial: formar cidadãos críticos, conscientes e engajados na construção de um futuro mais justo.

Vivemos em uma época de crescentes desastres e de um fascismo invasivo. Este momento histórico é marcado por uma tentativa sistêmica de um autoritarismo emergente que busca desativar a linguagem e a dissidência, removendo as ações da gramática do testemunho moral e desvinculando o poder da justiça institucional. À medida que todos os níveis da sociedade se esvaziam, conceitos como comunidade democrática, contrato social e compaixão são substituídos por uma política que individualiza, privatiza e dissocia todas as questões de responsabilidade de considerações sistêmicas mais amplas. Os hábitos da oligarquia são alimentados pelo medo e se reproduzem por meio de ataques implacáveis às possibilidades humanas, enquanto “[...] a desordem da história real é substituída pela ordem da pseudo-história” (Havel, 1986, p. 26, tradução própria).

As universidades se tornaram “um *playground* para administradores corporativos”. Nesse contexto, dominado por interesses financeiros, proliferam pedagogias de conformidade, silenciamento e abandono ético. Dissidência. Liberdade de expressão. Pensamento crítico. Indignação moral. Isso não tem lugar na universidade neoliberal. As universidades são vistas como empresas, os alunos como clientes e os professores como uma força de trabalho a ser explorada para maximizar os lucros. Nesse cenário, o Ensino Superior é temido por suas funções críticas, e espera-se que os estudantes permaneçam silenciosos, indiferentes a questões sociais mais amplas e alheios à relação entre a dinâmica do poder, a marginalidade e o conhecimento.¹

Com a expansão do complexo militar-industrial e do estado carcerário, professores e estudantes são incentivados a desviar o olhar ou a introspectar-se, ignorando a linguagem dos futuros imaginados. A coragem moral expressa pelos estudantes representa uma ameaça especialmente significativa para as universidades, em particular para as elites acadêmicas, uma vez que seus apelos ao desinvestimento ameaçam as dotações institucionais. Como observa Patrick Mazza (2024, tradução própria), “[...] outra razão para a reação dos administradores universitários é que os estudantes estão cobrando deles para onde vai o dinheiro”.

As universidades tornaram-se máquinas financeirizadas, com grandes dotações investidas no mercado de ações. As exigências dos estudantes para o desinvestimento em Israel atingiram um ponto crítico, levando a ameaças de perda de contribuições de grandes doadores pró-Israel e de contratos federais de políticos favoráveis a Israel, desestabilizando a liderança dos administradores, cujos salários agora se equiparam aos de seus pares no setor empresarial. Esse processo de despolitização é intensificado por um ataque frontal à dissidência, à liberdade de expressão e à liberdade acadêmica, bem como às instituições que apoiam e nutrem esses direitos e práticas democráticas cruciais. Eve Darian-Smith (2024) nos lembra que os ataques à liberdade acadêmica por parte de governos autoritários ocorrem em todo o mundo.

Um exemplo dessa forma regressiva de educação é visível na Flórida, onde o governador Ron DeSantis transformou o *New College*, uma faculdade outrora progressista, em uma cidadela para a ideologia e a pedagogia anti-despertar, eliminando aulas que permitem a professores e alunos pensarem criticamente, testar suas opiniões e se perceber como cidadãos engajados. Nos Estados Unidos, pedagogias de repressão são justificadas por cortes financeiros, políticas de precariedade e apelos vazios à eficiência. Exemplos disso incluem a repressão às manifestações estudantis contra a guerra. Administradores universitários se alinham com figuras políticas de extrema direita e a grande mídia, desviando a narrativa do sofrimento e da morte infligidos aos palestinos em Gaza, concentrando-se,

¹ Sobre essa questão, ver o brilhante livro *Dark Academe: Capitalism, Theory, and the Death Drive in Higher Education*, de Jeffrey DiLeo, publicado pela Editora Palgrave.

em vez disso, na instrumentalização do antissemitismo, marginalizando os que defendem a liberdade palestina.

A resistência às pressões neoliberais, que tentam mercantilizar a educação, deve ser acompanhada de um esforço coletivo para fortalecer a universidade pública como espaço de inovação pedagógica, diálogo e cidadania. O futuro da educação depende da capacidade de professores, estudantes e da sociedade em geral de defender um ensino comprometido com a transformação social e a formação integral, preparando indivíduos para o exercício consciente de uma cidadania crítica.

O incremento da repressão nas universidades norte-americanas

Ao restringir a liberdade de expressão nos *campi* e usar a polícia para impor essas restrições, cria-se uma cultura de repressão e violência. Estamos presenciando a repetição da história, agora como tragédia. Enquanto uma nova geração de jovens protesta contra os ataques a mulheres e crianças em Gaza, administradores universitários, de Boston a Los Angeles, acionam a polícia militarizada para dispersar acampamentos de protesto nos *campi* – espaços que foram vendidos aos estudantes como locais de liberdade acadêmica, expressão aberta e manifestações históricas que mudaram o mundo. Contribuem, assim, para a destruição da própria universidade.

Além disso, bilionários defendem o silenciamento de protestos nos *campi*, convocando a polícia e efetivamente transformando o Ensino Superior em um dispositivo do Estado policial. Donald Trump ecoa essa visão autoritária, indicando sua disposição de usar força militar para reprimir a dissidência estudantil se for eleito em 2024. Ele se referiu aos manifestantes que montam acampamentos em *campi* universitários como “lunáticos radicais de esquerda” que devem ser derrotados, acrescentando que “eles precisam ser detidos agora”. Ironicamente, Trump descreveu as prisões em massa de estudantes da Universidade de Columbia pela polícia de Nova Iorque como “uma coisa linda de assistir”, evidenciando uma visão mais ampla do policiamento como ferramenta de repressão.

Estamos, portanto, diante de uma nova forma de repressão, disfarçada pela retórica de uma elite bilionária implacável. As universidades de elite, mais preocupadas em satisfazer os doadores extremamente ricos do que em servir os estudantes, não hesitam em reprimir a liberdade de expressão acadêmica para garantir os interesses dessa classe privilegiada. Essa postura sinaliza a morte da universidade como esfera pública democrática, ao mesmo tempo que seus administradores, alinhados aos fundos de capital, reprimem protestos estudantis para manter suas posições de poder.

Diante da conformidade em massa, da padronização e da repressão, as condições necessárias para combater a supremacia branca, o patriarcado e a desigualdade extrema estão enfraquecendo. A repressão à dissidência e à liberdade de expressão, promovida por muitos administradores universitários, contribui diretamente para a ascensão de tendências autoritárias. A política e a pedagogia neoliberais exemplificam a destruição de instituições que deveriam defender a liberdade de expressão, a responsabilidade social e uma democracia robusta, em nome da lógica do capitalismo predatório.

A intensificação progressiva das punições tem raízes profundas nos Estados Unidos, manifestando-se desde a transformação das escolas em ambientes parecidos com prisões até a criminalização da pobreza. Esse estado carcerário agora se estende ao Ensino Superior. Apesar de haver uma considerável cobertura sobre os apelos estudantis por uma Palestina livre e por maior

transparência financeira, pouca atenção é dada à situação de acadêmicos dissidentes, que frequentemente enfrentam retaliações por expressarem suas opiniões críticas. O que está em jogo nos atuais ataques da direita ao Ensino Superior é, em última análise, a tentativa de suprimir a dissidência em geral.

As Instituições de Ensino Superior (IES) não são mais vistas como bens públicos, onde ideias e questões sociais importantes são cultivadas e debatidas. Em vez disso, estão sendo transformadas em centros de doutrinação, onde ideias críticas e pedagogias fortalecedoras são desprezadas e convertidas em aparelhos de censura e desesperança. A extrema direita deseja ridicularizar o Ensino Superior como um refúgio para a crítica social, reduzindo-o ao que poderia ser chamado de pedagogias de clonagem, projetadas para replicar cultura, conhecimento, ideias e visões de mundo extremistas.

Além disso, o Ensino Superior é cada vez mais atacado pela extrema direita devido à sua reivindicação liberal de igualdade e apoio ao bem comum. Alinhando-se a uma noção de “[...] cidadania... equiparada à dignidade humana e à igualdade em múltiplas frentes” (Tamas, 2000, tradução própria), as IES despertam a ira dos fascistas, para quem a hostilidade à cidadania universal é um elemento central de suas mobilizações. Esse ódio à igualdade, reforçado pela definição seletiva de quem é considerado americano, alimenta tanto o ataque ao Ensino Superior quanto uma política racista cada vez mais cruel.

Como observa Eddie S. Glaude Jr. (2024, tradução própria), a fantasia de uma “América branca como o lírio” e o apelo para banir negros e pardos “da consciência moral da nação” criam paisagens de ilusão que permitem a supremacia branca, promovendo ao mesmo tempo a violência racista e a lógica de exclusão e aniquilação. A extrema direita considera o pensamento tão perigoso quanto a ideia de que a educação é central para a política e a democracia em tempos de tirania.

O genocídio de Israel na Palestina como exemplo de repressão à liberdade de expressão

As restrições morais parecem obsoletas à medida que outra guerra colonial se desenrola em Gaza, onde milhares de palestinos são mortos, enquanto as tentativas de criticar o que várias organizações internacionais classificam como crimes de guerra são rapidamente desconsideradas como antissemitismo. Essa recusa em reconhecer a violência perpetrada contra os palestinos se transforma em uma guerra contra jornalistas críticos, trabalhadores culturais e, cada vez mais, o Ensino Superior, agora visto pela extrema direita como uma cidadela do pensamento socialista nocivo. Sob tais circunstâncias, aqueles que respondem ao sofrimento alheio são suscetíveis a discursos de ódio desumanizadores e moralmente canibais, além de se tornarem alvos de violência estatal. Eles estão vulneráveis a uma sociedade onde a morte cívica gera violência estatal, terrorismo doméstico e uma política de descartabilidade.²

Neste momento histórico, os ataques ao Ensino Superior evidenciam que a luta pela liberdade, igualdade e justiça envolve riscos significativos. Tais ataques conferem credibilidade a uma política fascista emergente, tanto nos Estados Unidos quanto internacionalmente, que marca os estudantes que questionam a expropriação colonial dos colonos e a violência estatal como objetos de desprezo e

² Os vários escritos de Judith Butler são brilhantes sobre essa questão. Ver, por exemplo, *The force of non-violence*, publicado pela Editora Verso, e *Vida precária: os poderes do luto e da violência*, publicado, no Brasil, pela Autêntica Editora.

violência potencial por parte de um estado racista-criminogênico. As demonstrações de coragem cívica agora qualificam os estudantes como alvos de crítica, exclusão e, em alguns casos, detenção.

Um exemplo particularmente flagrante de repressão ocorreu com vários estudantes do *Emerson College*, em Boston, que protestavam contra o genocídio perpetrado pelo governo israelense em Gaza. Eles foram agredidos pela polícia de choque, resultando em um aluno com as duas pernas quebradas e outros feridos na cabeça, sendo dois alunos levados ao pronto-socorro. A tragédia vivida pelos estudantes do *Emerson College* e de diversos *campi* é que os administradores universitários parecem preferir que os estudantes sejam agredidos pela polícia a que exerçam corajosamente seu direito à liberdade de expressão. No atual clima repressivo, tais ações não apenas refletem atos flagrantes de censura e violência, mas também indicam a morte da universidade como bem público e instituição cívica, independentemente de suas noções distorcidas de igualdade e conhecimento cívico (Bedford; Herz; Baskin, 2024).

Essas ações repressivas simbolizam o retorno daquilo que Ellen Schrecker (2021) chamou de “o novo macarthismo”, que utiliza a estigmatização do comunismo para atacar a educação crítica, a autonomia dos professores e as questões prementes de raça, gênero e desigualdade social. Ela observa:

A atual campanha autoritária para limitar o que pode ser ensinado nas salas de aula do ensino secundário e universitário é claramente concebida para desviar os eleitores furiosos dos problemas estruturais mais profundos que obscurecem seu futuro pessoal. No entanto, representa um novo capítulo na campanha de décadas para reverter as mudanças que trouxeram o mundo real para essas salas de aula (Schrecker, 2021, tradução própria).³

Essas táticas autoritárias tornaram-se desenfreadas durante a presidência de George W. Bush. Isso ficou particularmente evidente quando o vice-presidente Cheney afirmou que os críticos da política da administração para o Iraque “incitaram terroristas” (Abramowitz, 2006, tradução própria). Simultaneamente, a era Bush testemunhou o surgimento de instituições de extrema direita como *Campus Watch*, o *David Project*, *Students for Academic Freedom* e outros grupos destinados a policiar os estudos do Oriente Médio e as artes liberais em busca de qualquer vestígio de dissidência contra as políticas internas e externas dos Estados Unidos. Organizações extremistas da direita como *Discoverthenetwork.org* listaram os nomes de professores considerados antiamericanos, semelhante à forma como o *American Council of Trustees and Alumni* (ACTA) catalogou os nomes de supostos professores antipatrióticos após os ataques de 11 de setembro.⁴

Em uma época dominada por plataformas de redes sociais agressivas, uma forma perniciosa de censura emergiu em versões ainda mais virulentas. Isso é evidente no trabalho de organizações como *StopAntisemitism*, que se engajam em vigilantismo *online*, expondo críticos da guerra de Israel em Gaza ao “[...] publicar informações pessoais *online* para encorajar o assédio – sufocando assim o debate” (Verma, 2024, tradução própria). Esses críticos não apenas são nomeados, envergonhados e assediados, mas muitos deles são expulsos da faculdade e frequentemente demitidos de seus empregos. Atualmente, uma forma atualizada de fascismo tem agora os *campi* universitários na sua mira. Essa

³ Ver também o artigo de Ruth Ben-Ghiat, “*The Right’s War on Universities*”, disponível em: <https://www.nybooks.com/online/2020/10/15/the-rights-war-on-universities/?srltid=AfmBOopNL7e1kb9y7n5Yua79iFFpHcJGVIHXnyxcVzJR94i4Z9asc9cC>. Acesso em: 12 nov. 2024.

⁴ Essa questão foi detalhadamente abordada em Henry A. Giroux (2002), no texto intitulado “*Democracy, Freedom, and Justice after September 11th: Rethinking the Role of Educators and the Politics of Schooling*”.

mudança autoritária no Ensino Superior foi acelerada pela crescente supressão da dissidência entre os estudantes que protestavam contra as ações de Israel em Gaza.

Michael Hudson (2024, tradução própria) aborda as distinções e semelhanças entre as versões antiga e nova do fascismo, afirmando que

[...] apenas os epítetos mudaram. A injúria ‘Comunista’ foi substituída por ‘anti-semita’, e a renovação da violência policial no *campus* ainda não levou a uma barragem de rifles ao estilo de Kent State contra os manifestantes. Contudo, os denominadores comuns estão todos aqui mais uma vez. Foi organizado um esforço concertado para condenar e até punir as atuais revoltas estudantis a nível nacional contra o genocídio que ocorre em Gaza e na Cisjordânia. Assim como o Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara pretendia acabar com as carreiras de atores progressistas, diretores, professores e funcionários do Departamento de Estado antipáticos à União Soviética de 1947 a 1975, a versão atual visa acabar com o que resta da liberdade acadêmica nos Estados Unidos.

Contra a afirmação historicamente baseada de inocência ontológica e de vitimização perpétua de Israel, uma nova geração de críticos argumenta, como Pankaj Mishra (2024, tradução própria) deixa claro, que “[...] a opressão não melhora o caráter moral”. Israel já não pode absolver seus crimes recorrendo à sua própria história torturada e insondável de repressão e genocídio. Federic Lordon (2024) vai mais longe e argumenta que a brutal guerra de vingança de Israel contra Gaza e seu apelo para impedir um Estado palestino representam uma forma de “suicídio moral”. Ele acrescenta: “Nunca antes houve um desperdício tão colossal de capital simbólico que se pensava ser inexpugnável, que havia sido construído na sequência do Holocausto” (Lordon, 2024, tradução própria).

A importância dos movimentos de resistência na luta contra a repressão autoritária

Em um momento em que a tirania lança uma sombra escura sobre o globo, o peso da consciência carrega tanto um fardo quanto o potencial de um despertar moral e político. Esta nova geração de estudantes corajosos exemplifica que, quando a responsabilidade social é guiada pelas demandas da moralidade, a política pode, de fato, desafiar a influência e o domínio autoritário emergente. Em tempos como estes, a consciência emerge como uma força inabalável, instigando indivíduos a resistirem às crescentes marés de ultranacionalismo, racismo, violência estatal e militarismo. Ela incita a resistência contra a opressão de indivíduos e grupos que, em sua luta por liberdade, são considerados descartáveis.

Estudantes estão deixando claro que, se quisermos falar sobre democracia, devemos confrontar a ascensão do autoritarismo. Somente despertando os movimentos sociais e abraçando uma noção emancipatória de política podemos imaginar uma democracia forte que acenda, inspire e energize a imaginação pública, galvanizando a consciência para a ação. Os manifestantes estudantis de hoje compreendem que o complexo militar-industrial-acadêmico, aliado ao capitalismo predatório, os exclui do processo democrático enquanto, simultaneamente, contribui para o cancelamento gradual do futuro. Em vez de difamar os manifestantes dos *campi*, como fazem muitos liberais e conservadores, precisamos reconhecer que eles representam a consciência moral de uma nova geração – uma geração que está do lado certo da história.

Esses manifestantes universitários exemplificam a coragem e a consciência moral necessárias em tempos de crise. Ao direcionar suas políticas para um futuro imaginado, onde a democracia está nas mãos do povo, sua resistência ao genocídio em Gaza demonstra o poder do pensamento crítico e

da análise aprofundada. Esse protesto representa um chamado corajoso à resistência e uma reivindicação crucial por justiça. Nesta época sombria, a resistência estudantil emerge como uma força moral contra a tirania e o autoritarismo. Estudantes em todo o mundo estão se levantando para confrontar essa ameaça, demonstrando que, para falar sobre democracia, é necessário enfrentar o autoritarismo. Eles nos lembram que, para imaginar uma democracia real, é preciso despertar uma política emancipatória que inspire e energize a imaginação pública. Sua resistência é um chamado à justiça, demonstrando que, em tempos de crise, a verdadeira política é aquela que busca um futuro mais justo e democrático.

A guerra de Netanyahu contra Gaza intensificou os protestos nos *campi* universitários contra a violência brutal de Israel contra os palestinos. Além disso, os protestos em grande escala contra a guerra “[...] deram energia renovada ao crescente movimento estudantil dos EUA por um cessar-fogo e pelo fim da ocupação” (Howell, 2024, tradução própria). Em resposta, a grande mídia e vários especialistas, com a bênção dos interesses pró-Israel, transformaram o antissemitismo em uma arma, um rótulo que foi reduzido a qualquer crítica à conduta militar de Israel em Gaza ou na Cisjordânia. Como observa William I. Robinson (2024, tradução própria), uma consequência dessa crítica pernicioso da extrema direita é que “[...] a liberdade acadêmica e a liberdade de expressão estão sob um ataque total nos *campi* universitários dos Estados Unidos, não apenas por parte de administrações universitárias e de grupos pró-Israel, mas também dos mais altos níveis do Estado israelita”.

Como mencionado anteriormente, os ativistas estudantis que criticam Israel enfrentam assédio, monitoramento, expulsão, vergonha pública e, em alguns casos, detenções em massa por perturbações, evidenciadas pelos acontecimentos recentes na Universidade de Columbia e em Yale, e em mais de 50 outras instituições (Cutler; Taylor; Benavides-Colón, 2024).⁵ O apelo dos manifestantes para que faculdades e universidades se desfaçam de empresas que lucram com a guerra de Israel em Gaza, juntamente com a exigência de um “cessar-fogo completo em Gaza”, é frequentemente enterrado sob a acusação generalizada de antissemitismo e a força da violência policial (Al Jazeera Staff, 2024). Essas detenções servem como mais uma indicação da colaboração entre certas faculdades e a extrema direita no ataque às vozes dos estudantes (Donegan, 2024).

Ari Paul (2024, tradução própria) observa que os principais meios de comunicação têm frequentemente celebrado a repressão, deixando claro que “os espaços seguros no *campus*, onde a expressão é proibida para proteger os sentimentos dos ouvintes, são bons, dependendo do assunto”. Essa postura não implica ignorar os ataques a judeus e a estudantes que apoiam os direitos palestinos; no entanto, o verdadeiro objetivo da guerra travada nas universidades de elite representa uma ameaça muito maior do que as acusações generalizadas de antissemitismo (Abu El-Haj, 2023).

O que se torna evidente nesse julgamento-espetáculo, como observa David Bell (2024, tradução própria), é que esses políticos “[...] não têm nenhum interesse real em resolver os problemas do *campus*. Seu objetivo é expor as elites liberais como corruptas, perigosas e antiamericanas”. O verdadeiro objetivo dessas audiências é transformar os protestos contra a guerra em Gaza em armas, como componentes de uma estratégia mais ampla que visa exercer controle sobre o ensino superior. Robert Kuttner (2024, tradução própria) observa corretamente no *The American Prospect* que esse ataque

⁵ Veja também o artigo de Melissa Chan e Phil Helsel, intitulado *108 arrested at pro-Palestinian protest at Columbia University* [108 presos em protesto pró-Palestina na Universidade de Columbia], disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/us-news/rep-ilhan-omars-daughter-students-suspended-barnard-college-refusing-l-rcna148445>. Acesso em: 12 nov. 2024.

da extrema direita faz parte de um esforço mais amplo “[...] para suprimir as liberdades fundamentais de expressão”.

Em uma retórica demagógica clássica, Trump vê a oposição ao assassinato em massa de palestinos como obra de “lunáticos furiosos”, enquanto endossa a opressão policial. A resposta de Trump ao apelo dos estudantes para acabar com a violência israelense em Gaza é militarizar os *campi* universitários. Isso não é surpreendente, dado que Trump levantou repetidamente a ameaça de violência política caso perdesse as eleições presidenciais de 2024 (Bergengruen; Cortellessa, 2024). Aqui está em plena exibição a estonteante ironia dos terroristas domésticos e dos fomentadores da guerra que apoiaram a insurreição de 6 de janeiro de 2021, exigindo violência contra os estudantes, defendendo que “[...] o governo americano pare de enviar ajuda militar a Israel [...]” e “[...] que as universidades parem de investir em fabricantes de armas que lucram com a invasão de Gaza” (Mpoke Bigg, 2024).

A hipocrisia ao serviço da violência está perfeitamente alinhada à caracterização dos manifestantes estudantis nos *campi* universitários americanos feita pelo primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, como “turmas antissemitas” que devem ser detidas. O senador Bernie Sanders⁶ criticou acertadamente as observações depreciativas de Netanyahu como uma manobra para desviar a atenção das políticas de guerra imorais e ilegais de seu governo extremista e racista. Ele acrescenta ainda:

Não, Sr. Netanyahu. Não é antissemita ou pró-Hamas salientar que, em pouco mais de seis meses, seu governo extremista matou 34.000 palestinos e feriu mais de 77.000 – 70% dos quais são mulheres e crianças. Não é antissemita ressaltar que seu bombardeio destruiu completamente mais de 221.000 unidades habitacionais em Gaza, deixando mais de um milhão de pessoas desalojadas – quase metade da população (Sanders, 2024, tradução nossa).

É claro que é importante salientar a hipocrisia, mas o que realmente está em questão aqui é um partido político e seus aparatos midiáticos de extrema direita que acreditam no uso da força estatal e no exercício da violência contra o seu próprio povo para acabar com a liberdade de expressão. Esta, de fato, é uma forma de terrorismo interno e um elemento fundamental dos regimes fascistas. Os protestos universitários não são apenas vistos como perturbações indesejáveis, mas são criminalizados por administradores universitários e políticos de extrema direita. Esse ataque à liberdade de expressão, apoiado pela polícia e pela Guarda Nacional, é tão feio e autoritário quanto perigoso.

Um exemplo pode ser visto no ataque brutal da polícia à professora de economia da Universidade Emory, Caroline Fohlin, que foi presa, jogada no chão e algemada por questionar os policiais de Atlanta sobre a prisão violenta de um estudante. Um vídeo do ataque se tornou uma das imagens mais amplamente divulgadas e compartilhadas por manifestantes antiguerra em *campi* universitários.⁷ Os reitores de universidades, sob pressão de conservadores poderosos, dependem cada

⁶ Comunicado de imprensa do senador, de Vermont, Estados Unidos, “*Sanders Responds to Netanyahu’s Claim that Criticism of the Israeli Government’s Policies is Antisemitic*” [Sanders responde à afirmação de Netanyahu de que as críticas às políticas do governo israelense são antissemitas], disponível em: <https://www.sanders.senate.gov/press-releases/news-sanders-responds-to-netanyahus-claim-that-criticism-of-the-israeli-governments-policies-is-antisemitic/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

⁷ Tanto uma análise do ataque brutal à Professora Fohlin quanto o vídeo podem ser vistos no artigo de Julia Conley, “*Violent Arrest of Emory Professor Spotlights Brutality of Police Crackdown on Campus Protests*” [Prisão violenta de professora da Emory destaca a brutalidade da repressão policial aos protestos no *campus*], disponível em: <https://www.commondreams.org/news/emory-protests->

vez mais da polícia para lidar com atos de desobediência civil cometidos por manifestantes estudantis que montaram tendas nos *campi* em oposição à “[...] ofensiva militar israelense apoiada pelos EUA em Gaza” (Dickinson, 2024, tradução própria). Como Tim Dickinson (2024, tradução própria) salienta, é alarmante ver “[...] atiradores de elite e polícia militarizada subjugando manifestantes”. Ele observa ainda:

O comportamento das autoridades policiais – mais uma vez – destacou fortemente a brutalidade policial e o desrespeito pelos direitos da Primeira Emenda, que protegem a liberdade de reunião, expressão e imprensa. À medida que a polícia atacava os manifestantes e se envolvia em detenções em massa, também agrediram jornalistas e até esmagaram professores universitários (Dickinson, 2024, tradução própria).

Esse tipo de violência indiscriminada contra indivíduos inocentes ecoa o que seria esperado em regimes abertamente fascistas. Agravando esses ataques contra estudantes que protestam contra a guerra em Gaza e contra as empresas que fornecem armas militares, está o envolvimento agressivo de grupos pró-Israel, alguns com o apoio do Estado de Israel, em uma ampla campanha para envergonhar e divulgar informações sobre manifestantes pró-Palestina, incluindo estudantes e professores. Comentando sobre a natureza repressiva dessa intervenção do Estado israelense, Robinson (2024, tradução própria) afirma que o governo israelense iniciou o que parece ser uma ampla campanha secreta e um plano de ação “[...] para assediar e intimidar estudantes, professores e administradores até o silêncio”. Dentro desse clima de censura, *doxing*⁸ e punição, professores estão sendo demitidos, e alunos estão sendo intimidados, assediados e silenciados. Um exemplo flagrante ocorreu quando a reitora da Universidade do Sul da Califórnia, Carol Folt, cancelou um discurso de despedida de Asna Tabassum, uma estudante muçulmana – provavelmente devido à sua solidariedade expressa com o povo palestino (Mahdawi, 2024; Robinson, 2024).

Em outro caso, que se tornou muito familiar, alguns “[...] estudantes da Universidade de Nova Iorque foram convocados para audiências disciplinares depois de encenar uma leitura de poesia do autor palestino Refaat Alareer” (Bunch, 2024, tradução própria), que foi morto em um ataque aéreo israelense. Depois que estudantes montaram tendas no *campus* da Universidade de Columbia em protesto contra o massacre de palestinos em Gaza, o reitor da universidade, Nemat Shafik, convocou o Departamento de Polícia da cidade para removê-los. Mais de uma centena de estudantes foram presos – “[...] muitos dos quais eram estudantes judeus e estudantes negros” (Kelley, 2024, tradução própria); todos foram suspensos, suas carteiras de estudante foram desativadas e os estudantes foram despejados de seus dormitórios (Closson; Betts, 2024), ações que Kelley (2024) chama de racistas e vingativas.

Essas ações relembram os protestos e as prisões de mais de mil estudantes que ocorreram na Universidade de Columbia em 1968. Vale a pena notar, como afirma Judd Legum (2024, tradução própria), que “[...] em 2018, no 50º aniversário das prisões de 1968, o então reitor da *Columbia University* disse que a decisão de convocar a polícia em 1968 foi uma violação grave do ethos da universidade”. Claramente, essa é uma lição que o reitor Shafik optou por ignorar e, ao fazê-lo, é cúmplice no apoio a esta nova onda de macarthismo e aos seus ataques intensificados à liberdade de expressão que

arrests?utm_source=Common+Dreams&utm_campaign=460a87f4f5-Week+in+Review%3A+Sat.+4%2F27%2F24+w%2F+fundraiser&utm_medium%20=e-mail&utm_term=0_-32ccf17a11-%5BLIST_EMAIL_ID%5D. Acesso em: 12 nov. 2024.

⁸ *Doxing* (ou *doxxing*) é a prática de coletar e divulgar publicamente informações pessoais ou identificáveis de uma pessoa sem o seu consentimento, geralmente com a intenção de expô-la, constrangê-la ou ameaçá-la.

ocorrem em cada vez mais *campi* universitários. Sua vacuidade moral em chamar a polícia para prender estudantes – que deveriam ser celebrados pela sua coragem e não punidos – é surpreendente, dado seu comentário de que iniciou “[...] este passo extraordinário porque estas são circunstâncias extraordinárias” (Closson; Betts, 2024, tradução própria).

O que é extraordinário é que os estudantes protestam contra o fato de mais de 34 mil palestinos terem morrido, incluindo mais de 14 mil crianças, e de 80% da população de Gaza estar sem abrigo, muitos dos quais morrem de fome em meio a uma fome imposta intencionalmente. Os estudantes se opõem ao investimento e aos laços da Universidade de Columbia com empresas que lucram com a guerra de Israel em Gaza. O que é extraordinário é que os estudantes apelam ao fim de atos de violência obscenos e moralmente repreensíveis, como o bombardeio de Rafah por Israel — “[...] onde mais de metade da população de Gaza, de 2,3 milhões, procurou refúgio dos combates em outros locais” (Jahjough; Magdy, 2024, tradução própria). Tais ataques resultaram na matança indiscriminada de mulheres e crianças que não têm para onde escapar.

Os estudantes estão tentando impedir um ataque militar israelense a Gaza, onde estão sendo cometidos crimes de guerra em violação do direito internacional, como evidenciado pelo fato de mais de 300 corpos terem sido encontrados em uma “[...] série de valas comuns perto do Hospital Nasser no sul de Gaza... Os mortos incluem homens, mulheres e crianças... Alguns foram descobertos algemados, indicando que as vítimas foram mortas em execuções sumárias em massa” (Damon, 2024, tradução própria). Essa foi a maior vala comum da história de Gaza. Seraj Assi relata no *Truthout* que mais de 400 corpos foram recuperados, sendo a maioria das vítimas crianças e mulheres. Ele acrescenta: “Muitas das vítimas tiveram as mãos e os pés amarrados nas costas, indicando que foram sumariamente executadas antes de serem enterradas. Esses incluem crianças, que foram evidentemente assassinadas durante o cativeiro” (Damon, 2024, tradução própria). Segundo o porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos: “Entre os falecidos estavam alegadamente idosos, mulheres e feridos, enquanto outros foram encontrados amarrados com as mãos... amarrados e despídos” (Assi, 2024, tradução própria). Médicos e enfermeiras estavam entre os brutalmente torturados e executados.

O que reitores como Shafik deliberadamente não reconhecem é que o verdadeiro crime não é a manifestação dos estudantes contra a guerra – afirmando seu sentido de agência moral –, mas a escala do sofrimento humano em Gaza, à qual se opõem. Como educador, Shafik está vergonhosamente cego ao fato de Israel não só ter destruído ou danificado todas as 12 universidades de Gaza, mas também ter estado envolvido em uma “destruição em massa” do sistema educacional de Gaza, cometendo o que os especialistas da Organização das Nações Unidas (ONU) rotularam como escolasticídio.⁹ As universidades não devem assemelhar-se a ditaduras ou corporações privadas. A

⁹ Ver o comunicado de imprensa “UN experts deeply concerned over ‘scholasticide’ in Gaza” [Especialistas da ONU profundamente preocupados com o ‘escolasticídio’ em Gaza], disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/04/un-experts-deeply-concerned-over-scholasticide-gaza>. Acesso em: 12 nov. 2024. Vale a pena citar o comentário completo: “Após seis meses de ataque militar, mais de 5.479 estudantes, 261 professores e 95 professores universitários foram mortos em Gaza, e mais de 7.819 estudantes e 756 professores ficaram feridos – com números a aumentar a cada dia. Pelo menos 60 por cento das instalações educativas, incluindo 13 bibliotecas públicas, foram danificadas ou destruídas e pelo menos 625 mil estudantes não têm acesso à educação. Outros 195 sítios históricos, 227 mesquitas e três igrejas também foram danificados ou destruídos, incluindo o Arquivo Central de Gaza, que contém 150 anos de história. A Universidade de Israa, a última universidade remanescente em Gaza, foi demolida pelos militares israelenses em 17 de janeiro de 2024” (United Nations, 2024, tradução própria).

governança do corpo docente, a honestidade intelectual, a defesa robusta da liberdade acadêmica e o direito dos estudantes à liberdade de expressão pacífica são princípios fundamentais da universidade.¹⁰

Entretanto, aquele dirigente universitário não detém o monopólio da falência moral que fica evidente entre seus pares administrativos. Chris Hedges amplifica esse ponto, escrevendo com grande paixão:

Nenhum reitor de universidade denunciou a destruição de todas as universidades em Gaza por Israel. Nenhum reitor de universidade apelou a um cessar-fogo imediato e incondicional. Nenhum reitor de universidade usou as palavras ‘apartheid’ ou ‘genocídio’. Nenhum reitor de universidade pediu sanções e desinvestimento de Israel. Em vez disso, os chefes dessas instituições acadêmicas rastejam indiferentemente perante doadores ricos, empresas – incluindo fabricantes de armas – e políticos fanáticos de direita. Eles reformulam o debate em torno dos danos causados aos judeus, em vez do massacre diário de palestinos, incluindo milhares de crianças (Hedges, 2024, tradução própria).

Essas observações ressaltam a urgente necessidade de uma resistência contínua dentro do Ensino Superior. A luta pela liberdade acadêmica e a proteção dos direitos dos estudantes são, agora, mais importantes do que nunca. A colaboração entre estudantes, professores e aliados externos é essencial para dismantlar as estruturas de opressão que ameaçam a integridade das universidades. À medida que a repressão aumenta e a violência policial se torna a norma nas respostas aos protestos, educadores e estudantes devem se unir para promover uma cultura de resistência que não apenas desafie as narrativas dominantes, mas também reforce a importância da empatia e da justiça social. O reconhecimento da complexidade das lutas em torno da liberdade de expressão, da igualdade e da justiça é crucial para enfrentar os desafios atuais que as universidades enfrentam. A construção de um futuro em que a educação possa ser um veículo para a mudança social e para a emancipação coletiva exige um compromisso inabalável com os princípios democráticos e uma oposição decidida ao fascismo neoliberal. Assim, a luta continua nas salas de aula, nos *campi* e nas comunidades, onde a voz dos estudantes e a coragem dos professores desempenham um papel vital na defesa da liberdade e na promoção da justiça.

Recuperando algumas lições aprendidas com a história

A história é crucial nesse momento. Precisamos lembrar que o Ensino Superior, desde a eleição de Ronald Reagan em 1980, tem estado sob severo ataque pelas forças do neoliberalismo, que pretendem transformar a educação em todos os níveis em nada menos do que acessórios do local de trabalho e laboratórios para a repressão ideológica. Em todo o mundo, está emergindo uma nova conjuntura histórica em que os ataques ao Ensino Superior como instituição democrática e às vozes públicas dissidentes em geral – sejam jornalistas, denunciadores ou acadêmicos – estão se intensificando, com consequências alarmantes tanto para o Ensino Superior quanto para as esferas públicas formativas que tornam a democracia possível.

O neoliberalismo colocou o Ensino Superior na sua mira e o resultado tem sido a transformação contínua do Ensino Superior em um complemento dos interesses corporativos mais ricos e poderosos. Na verdade, a defesa da direita do dismantelamento neoliberal da universidade como um local de investigação crítica é mais descarada e arrogante do que qualquer coisa que vimos

¹⁰ Para uma análise brilhante da liderança fracassada de Shafik, consulte Kelley (2024).

no passado (Giroux, 2016). Desde 2016, com a eleição de Trump como presidente, o ataque ao Ensino Superior aumentou em alcance e intensidade, assemelhando-se a formas de educação que ocorreram na Alemanha nazista (Giroux; DiMaggio, 2024). As tentativas dos conservadores de “[...] deplorar o conhecimento, ridicularizar a pesquisa acadêmica em si e desencorajar a curiosidade intelectual nas nossas crianças e no público americano” (McLean, 2024, tradução própria) têm uma longa e sórdida história.¹¹

O que é diferente hoje é que uma política fascista emergente, impulsionada por uma série de multimilionários e grupos de extrema direita, tem a educação em sua mira. Por exemplo, como Judd Legum (2024) observou recentemente, os administradores universitários enfrentam “uma pressão política substancial da direita”, e alguns, como o reitor da Columbia, Minouche Shafik, estão dispostos a ceder a tal intimidação. Como observou Irene Mulvey, presidente da Associação Americana de Professores Universitários, estamos vivendo uma “[...] nova era do autoritarismo, onde um Comitê da Câmara está usando reitores de faculdades e professores para teatro político” (Legum, 2024, tradução própria).

Já aprendemos anteriormente com a história que essa é uma forma de educação que produz cegueira moral, ignorância e revela desprezo pelas ideias fortalecedoras, pelo pensamento crítico e pelas liberdades civis. Os recentes ataques da extrema direita ao Ensino Superior têm como objetivo atingir profundamente a sala de aula, apagando momentos perigosos da história, eliminando críticas ao racismo sistêmico, banindo tópicos relacionados à orientação sexual, encerrando quaisquer discussões sobre questões sociais e enfraquecendo qualquer controle que os professores tenham sobre suas salas de aula. Isso é mais do que uma retórica em torno de questões que são consideradas desagradáveis e perigosas. É um ataque contra a história, a memória, a solidariedade e a dissolução dos laços sociais que nos unem em um conjunto de valores compartilhados (Means; Ida; Myers, 2024).

Como argumenta Donald Harward (2018, tradução própria), educadores e outros não podem arriscar-se a não falar e agir contra os atuais ataques da direita, especialmente em um momento em que uma série de educações democráticas está sob ataque e “[...] o próprio tecido da nossa democracia está desgastado, se não se desfazendo”. Não podemos arriscar o silêncio. O silêncio diante de uma política fascista emergente oferece um alerta sobre o perigo que está por vir e as lições a serem abordadas. Tais ataques funcionam como uma enorme máquina de desimaginação e uma ferramenta de subjugação, implementando uma pedagogia de obediência e repressão. Esse tipo de educação envolve mais do que transformar escolas em centros de doutrinação; trata-se de criar um sistema educacional que normalize as ideologias fascistas e negue modos críticos de agência (Giroux; DiMaggio, 2024).

Em relevante entrevista realizada por Figueiredo, Siqueira e Silva (2021), Henry Giroux afirmou que é preciso recuperar a noção de esperança como um tipo de “imaginação com esteroides”:

Não podemos falar sobre revolução, sobre justiça, sobre o futuro, se não pudermos imaginar algo muito diferente da situação que vivenciamos atualmente. A imaginação é o motor da esperança, porque se você não consegue pensar de outra forma, não consegue agir de outra forma. E então me parece que a esperança não é uma noção romantizada e ‘Disneyficada’ de inocência na qual tudo será maravilhoso, porque tudo o que você tem a fazer é sentar e esperar que aconteça. Esperança, me parece, é um molde de inspiração e uma condição para, de alguma forma, se envolver nas realidades nas quais você se encontra que impedem que a esperança seja realmente cumprida. Esperança é uma condição de agência. Sem esperança

¹¹ Ver também Giroux e DiMaggio (2024).

you do not have agency, without agency, you do not have hope. They inform. Then, of what we are talking, when we talk of hope, it is what we are talking of a theoretical position in which someone refuses to live in the present and assume that this is all that exists. Hope is a condition that says that, outside the present, there is another world, and we must fight for it individually and collectively. But hope does not come from a desire; hope comes from the ability to have access to information, to be able to look back at the past and see how people fought to change the world in which they were. Hope comes from examples of people who produce their own narratives and give us a sense of what is possible, hope comes from those institutions that say that you are more than what you are, you can do more, but we must do it collectively. Hope comes when you align with justice instead of romanticizing justice. Hope comes from the notion of struggle. You cannot have hope without struggle and you cannot have struggle without education, and you cannot have justice without all these things (Figueiredo; Siqueira; Silva, 2021, p. 14-15).

Considerações finais

The increasing repression of academic freedom in North American universities, in the face of the rise of a fascist neoliberal ideology, demands a deep reflection on the role of education and the resistance of students. As discussed throughout this article, the criminalization of dissent, the militarization of *campi* and the use of accusations of antisemitism as tools of silencing reflect a systematic attempt to dismantle the critical space in Higher Education.

Student protests, far from being seen as mere disturbances, are an essential expression of civic courage and a call for social justice, denouncing the violence perpetrated against the Palestinian people and questioning the complicity of universities with the military-industrial complex. The rhetoric of the extreme right, which equates legitimate criticism of violence and Israeli policies with acts of antisemitism, serves as a clear example of how dissent is marginalized and protesters are targeted for repression. Beyond this, the irony and hypocrisy in the posture of administrators and politicians who clamor for student safety while using police force against those who oppose injustice, demonstrate a paradoxical and alarming relationship to democratic values. The history of repression and the similarities with McCarthyism highlight the urgency of a unified movement that defends the freedom of expression, critical research and human rights at all levels of education.

The current struggle is, therefore, an extension of the legacy of movements for civil rights and freedom of expression, reaffirming that Higher Education must be a space for critical reflection, solidarity and resistance. Students, by mobilizing against violence and injustice, are not only defending their rights, but also reaffirming the importance of an education that is truly emancipatory. This movement must be supported by a collective commitment to ensure that critical voices are not silenced, but celebrated as fundamental for the health of democratic society. The future of education and the struggle for social justice depend on our willingness to resist and question dominant narratives, reaffirming education as a human right and a vehicle for social change.

What the student protesters at Columbia, Yale, New York University and other *campi* in the United States are making clear is that fascist forces must be held accountable and that the silence surrounding the war against the Palestinians must be broken, in order to inject a

luta pelos direitos humanos de volta na linguagem de uma política construída sobre os valores de igualdade, justiça social, liberdade e dignidade humana.

O que os jovens ensinam hoje ao mundo, atendendo às palavras do grande abolicionista Frederick Douglass¹², é que o conceito de liberdade permanece vazio se não for acompanhado de ação, afirmando que “se não há luta, não há progresso” (Douglass, 1950, p. 437, tradução própria). Em todos os Estados Unidos e cada vez mais à escala global, os jovens lançaram um movimento político sério. Eles expuseram a falência moral e política dos administradores universitários e recusaram a corporatização e a militarização do Ensino Superior. Estão lutando para acabar com a guerra contra o povo palestino, que serve de barômetro moral e de crise definidora da nossa era. Eles também defendem o que significa imaginar e lutar por um mundo mais justo e melhor. Sua mistura de moralidade, justiça social, compaixão e política fala daquilo que Stuart Hall (2013, tradução própria) certa vez chamou de “[...] um sentimento renovado de estar do lado do futuro, e não preso nos abrigos do passado”.

As manifestações tornaram visível o poder de resistência do movimento estudantil para se inscrever na narrativa da justiça social, da democracia radical e de um futuro definido por um mundo sem guerra, exploração, desigualdade impressionante e capitalismo *gangster*. Simultaneamente, trouxeram de volta ao domínio público a extensão da violência israelita e do enorme sofrimento imposto aos palestinos em Gaza. Além disso, realçaram a necessidade de um debate sobre os investimentos universitários no complexo militar-industrial e a sua cumplicidade no assassinato de mais de 40.000 palestinos após um ano de guerra, na sua maioria mulheres e crianças. Esperamos que essas manifestações frustrem a repressão governamental descarada e a violência policial provocada pelo Estado, evoluindo para um movimento educativo e político de massas que pode ajudar a conseguir um cessar-fogo.

A análise das dinâmicas políticas contemporâneas nos Estados Unidos revela um panorama alarmante em que a democracia se encontra sob ataque sistemático. As decisões reacionárias de um grupo de juizes da Suprema Corte, as leis de supressão de votos e a proliferação de uma ideologia nacionalista branca estão interligadas em um complexo que mina os pilares da democracia. O discurso violento e a incitação à insurreição, exemplificados pelos eventos de 6 de janeiro de 2021, demonstram que a retórica da extrema direita não é mera linguagem vazia; ao contrário, é um vetor que mobiliza e legitima ações de violência, permitindo que ideais autoritários e racistas ganhem terreno no espaço público.

A emergência de uma cultura que normaliza a violência como ferramenta de mudança social, aliada à produção de ignorância e ao desmantelamento da memória coletiva, indica que a crise de legitimação da democracia se aprofunda. Nesse contexto, a dissidência é rotulada como sedição, e o clamor por justiça social é interpretado como um apelo à violência, criando um ambiente hostil para qualquer forma de crítica ao *status quo*. À medida que o discurso de ódio e a retórica da exclusão se tornam práticas comuns, os ataques às vozes dissidentes, particularmente nas instituições acadêmicas, revelam uma nova forma de macarthismo que busca silenciar a crítica e deslegitimar a solidariedade com grupos marginalizados. O crescimento de movimentos que defendem ideologias fascistas, associados à proliferação de teorias conspiratórias e a uma crescente militarização do discurso político, aponta para uma crise existencial da democracia. Nesse sentido, a luta pela liberdade acadêmica, a

¹² Discurso proferido em Canandaigua, Nova Iorque, em 4 de agosto de 1857, publicado na obra *The Life and Writings of Frederick Douglass* (Foner, 1950).

defesa dos direitos humanos e a promoção da justiça social emergem como imperativos éticos e políticos fundamentais.

A resiliência das instituições democráticas depende de uma mobilização coletiva que reafirme o compromisso com a diversidade de ideias e o debate aberto. A história nos ensina que momentos de crise são também oportunidades para reimaginar e revitalizar a luta pela igualdade e pela dignidade humana. Portanto, é essencial que os cidadãos, especialmente os jovens, continuem a desafiar as narrativas dominantes, a resistir à opressão e a se engajar em práticas de cidadania ativa. A proteção da democracia não é um destino, mas uma jornada contínua que exige vigilância, solidariedade e coragem. Assim, ao refletirmos sobre o presente e o futuro da democracia nos Estados Unidos, torna-se evidente que a luta contra o autoritarismo e pela justiça deve ser reenergizada, galvanizando um movimento que não apenas questione as estruturas de poder, mas que também promova uma visão de futuro no qual a liberdade, a igualdade e a dignidade sejam valores inalienáveis para todos. Essa tarefa é necessária para garantir que as promessas da democracia não sejam apenas uma retórica, mas uma realidade vivida.

A universidade pública, na qualidade de espaço de conhecimento e transformação, tem um papel central nesse processo. Cabe aos docentes lutarem por um ensino que prepare os alunos tanto para o mercado de trabalho quanto para o exercício pleno da cidadania. A educação dialógica proposta por Paulo Freire, que valoriza a conscientização política e a leitura crítica do mundo, emerge como um caminho essencial para superar pedagogias meramente tecnicistas, defendendo uma formação integral que leve em consideração as interseccionalidades e os desafios éticos da sociedade contemporânea.

Tudo aponta, enfim, para a necessidade de uma mobilização social em defesa das universidades públicas e do papel do professor na sociedade. A educação, mais do que nunca, precisa ser vista como um espaço de resistência contra a mercantilização neoliberal do Ensino Superior. É necessário reverter a lógica dos lucros corporativos, que se baseia na precarização do trabalho docente e na adoção de tecnologias de forma oportunista. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados pela educação e pelos docentes no Brasil, há uma profunda esperança na capacidade transformadora do ensino público no nível superior.

A luta pela valorização da educação não é em vão; ela reverbera nas salas de aula, nas interações entre professores e alunos e nas práticas inovadoras que resistem à precarização das estruturas, das relações de trabalho e da própria liberdade de pensamento. O compromisso com a formação integral dos cidadãos e a defesa de uma educação pública de qualidade continuam a ser os pilares de uma sociedade mais justa e democrática. Ao reconhecer o papel central dos professores e dos estudantes, promovendo um ambiente de colaboração e diálogo, é possível vislumbrar um futuro no qual a educação se torne novamente uma força vital para a emancipação humana e a construção de um mundo melhor.

Diante das transformações pelas quais as universidades públicas têm passado, é evidente que a implementação de políticas de inclusão, como as cotas, e a valorização de uma formação crítica e cidadã são fundamentais para promover uma educação que reflita a diversidade da sociedade. Contudo, esses avanços esbarram em desafios estruturais, como a precarização das condições de trabalho dos docentes, a falta de infraestrutura adequada e a sobrecarga de atividades. Para superar esses obstáculos, é crucial que a universidade se mantenha como um espaço de resistência contra as pressões neoliberais e continue a promover um ensino que vá além da simples qualificação para o mercado de trabalho.

A luta pelo fortalecimento das universidades como espaços de transformação social é uma tarefa coletiva. A formação de cidadãos críticos e engajados depende da capacidade de professores, estudantes e da sociedade em geral de defender uma educação comprometida com a construção de um futuro mais justo e democrático. Mesmo diante dos desafios, é possível vislumbrar um caminho em que a educação pública se reafirme como uma força vital para a emancipação humana e para a construção de uma sociedade mais inclusiva, participativa e consciente. A formação política de professores, técnicos administrativos e estudantes é, portanto, uma necessidade urgente para a consolidação de um Estado democrático que não transforme os direitos sociais (à educação, à saúde e à previdência) em mercadorias de menor valor social. A defesa da universidade pública só faz sentido se ela realmente for uma alternativa ao modelo privado neoliberal.

Por fim, a luta pela valorização da educação pública e a formação crítica de professores e estudantes são essenciais para enfrentar as ameaças da mercantilização e do autoritarismo nas universidades. É imperativo que as Instituições de Ensino Superior não apenas promovam a inclusão e a diversidade, mas também se comprometam com uma educação que forme cidadãos conscientes, engajados e capazes de desafiar as desigualdades sociais. Ao resgatar os princípios da educação crítica, inspirados por pensadores como Paulo Freire, e ao cultivar um ambiente de diálogo e reflexão, podemos transformar as universidades em verdadeiros espaços de resistência e emancipação. Para isso é essencial investir na formação política de professores e estudantes. Só assim, será possível construir uma sociedade democrática, onde a educação seja instrumento para liberdade, justiça e transformação social.

Referências

ABRAMOWITZ, M. War's Critics Abetting Terrorists, Cheney Says. **The Washington Post**, Washington, 10 set. 2006. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/09/11/wars-critics-abetting-terrorists-cheney-says-span-classbankheadhe-cites-allies-doubts-about-us-willspan/9bf45f56-45a5-4309-9dd2-fa6fe5a30fb1/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ABU EL-HAJ, N. The Eye of the Beholder. **The New York Review of Books**, New York, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nybooks.com/online/2023/12/24/the-eye-of-the-beholder/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

AL JAZEERA STAFF. Columbia, NYU, Yale on the boil over Israel's war on Gaza: What's going on?. **ALJAZEERA**, [s. l.], 22 abr. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/22/columbia-university-on-edge-over-gaza-whats-going-on>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ASSI, S. Mass Graves in Khan Yunis Reveal Unspeakable Horror of US-Backed Gaza Invasion. **Truthout**, Sacramento, 26 abr. 2024. Disponível em: <https://truthout.org/articles/mass-graves-in-khan-yunis-reveal-unspeakable-horror-of-us-backed-gaza-invasion/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BEDFORD, T.; HERZ, M.; BASKIN, M. 108 arrested during 'horrific' police sweep of Emerson College pro-Palestine encampment. **GBH**, Boston, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.wgbh.org/news/local/2024-04-25/emerson-students-arrested-in-encampment-clearance-make-first-court-appearances>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BELL, D. Elise Stefanik, Dean of Faculty. **The Chronicle of Higher Education**, Washington, 22 abr. 2024. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/elise-stefanik-dean-of-faculty>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BEN-GHIAT, R. The Right's War on Universities. **The New York Review**, New York, 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.nybooks.com/online/2020/10/15/the-rights-war-on-universities/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BERGENGRUEN, V.; CORTELLESA, E. Exclusive: Donald Trump Says Political Violence 'Depends' on 'Fairness' of 2024 Election. **Time**, [s. l.], 30 abr. 2024. Disponível em: <https://time.com/6972163/donald-trump-political-violence-interview-exclusive/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BUNCH, W. Fear and loathing on America's college campuses as free speech is disappearing. **The Philadelphia Inquirer**, Philadelphia, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www.inquirer.com/opinion/college-free-speech-palestine-israel-20240418.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BUNCH, W. In Columbia chaos, student journalists stand tall. **The Philadelphia Inquirer**, Philadelphia, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.inquirer.com/columnists/attytood/columbia-student-journalists-wkcr-spectator-free-speech-rfk-jr-20240423.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

CLOSSON, T.; BETTS, A. Columbia Students Arrested Over Campus Rally May Face Other Consequences. **New York Times**, New York, 20 abr. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/04/20/nyregion/arrested-columbia-students-suspended.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

CUTLER, S.; TAYLOR, A.; BENAVIDES-COLÓN, A. Here's Where Student Protesters Have Demanded Divestment From Israel. **The Chronicle of Higher Education**, Washington, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/heres-where-student-protesters-are-demanding-divestment-from-israel>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DAMON, A. Hundreds of bodies discovered in mass graves at Gaza's Nasser Hospital. **Countercurrents**, [s. l.], 23 abr. 2024. Disponível em: <https://countercurrents.org/2024/04/hundreds-of-bodies-discovered-in-mass-graves-at-gazas-nasser-hospital/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DARIAN-SMITH, E. **Policing the Mind: the Antidemocratic Attack on Academics and Why it Matters**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2024.

DICKINSON, T. College Crackdown Shines Spotlight on Violent Cops – Yet Again. **Rolling Stone**, [s. l.], 30 abr. 2024. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/politics/politics-features/gaza-protests-colleges-violent-cops-1235012276/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DONEGAN, M. Columbia University is colluding with the far-right in its attack on students. **The Guardian**, London, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/19/far-right-columbia-university-student-arrests>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DOUGLASS, F. West India Emancipation. *In*: FONER, P. S. (org.). **The Life and Writings of Frederick Douglass: Pre-Civil War Decade, 1850-1860.** v. 2. New York: International Publishers, 1950. p. 437.

FIGUEIREDO, G. O.; SIQUEIRA, V. H. F.; SILVA, A. C. Updating critical ideas in the 21st century to fight against neoliberal machine: interview with professor Henry Giroux. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2117007, p. 1-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.17007.004>

FONER, P. S. (org.). **The Life and Writings of Frederick Douglass: Pre-Civil War Decade, 1850-1860.** v. 2. New York: International Publishers, 1950.

GIROUX, H. A. Democracy, Freedom, and Justice after September 11th: Rethinking the Role of Educators and the Politics of Schooling. **Teachers College Record**, [s. l.], v. 104, n. 6, p. 1138-1162, 2002. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016146812002104061138>

GIROUX, H. A. Neoliberal Savagery and the Assault on Higher Education as a Democratic Public Sphere. **Café Dissensus**, [s. l.], 15 set. 2016. Disponível em: <https://cafedissensus.com/2016/09/15/neoliberal-savagery-and-the-assault-on-higher-education-as-a-democratic-public-sphere/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

GIROUX, H. A.; DIMAGGIO, A. R. **Fascism on Trial: Education and the Possibility of Democracy.** London: Bloomsbury, 2024.

GLAUDE JR., E. S. The Fantasy of a Lily-White America. **Time**, [s. l.], 15 abr. 2024. Disponível em: <https://time.com/6966768/fantasy-white-america-eddie-glaude/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

HALL, S. The Kilburn Manifesto: Our Challenge to the Neoliberal Victory. **Common Dreams**, Portland, 24 abr. 2013. Disponível em: <https://www.commondreams.org/view/2013/04/24-10>. Acesso em: 5 nov. 2024.

HARWARD, D. W. Risking Silence. **Inside Higher Ed**, [s. l.], 27 ago. 2018. Disponível em: <https://www.insidehighered.com/views/2018/08/28/higher-education-has-responsibility-speak-out-against-current-administrations-false>. Acesso em: 5 nov. 2024.

HAVEL, V. **Living in truth.** Boston: Faber and Faber, 1986.

HEDGES, C. Revolt in the Universities. **The Chris Hedges Report**, [s. l.], 25 abr. 2024. Disponível em: <https://chrishedges.substack.com/p/revolt-in-the-universities>. Acesso em: 5 nov. 2024.

HOWELL, S. Students Moving. **REVOLUTION James and Grace Lee Boggs Center**, Detroit, 1 maio 2024. Disponível em: <https://www.boggscenter.org/thinking-for-ourselves/9hsavlzyhqfrwkl36taloytcag2lmp>. Acesso em: 5 nov. 2024.

HUDSON, M. “Have You No Sense of Decency?” McCarthyism Returns to Campus. **COUNTERPUNCH**, Petrolia, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2024/04/30/have-you-no-sense-of-decency-mccarthyism-returns-to-campus/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

JAHJOUH, M.; MAGDY, S. Israeli strikes on southern Gaza city of Rafah kill 22, mostly children, as US advances aid package. **The Associated Press**, [s. l.], 21 abr. 2024. Disponível em:

<https://apnews.com/article/israel-hamas-war-news-04-21-2024-8c027f2587c2c433d0fde41b63a0e0c3>. Acesso em: 5 nov. 2024.

KELLEY, R. D. G. Letter to Columbia President Minouche Shafik. **Boston Review**, Boston, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.bostonreview.net/articles/letter-to-columbia-university-president-minouche-shafik/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

KUTTNER, R. Self-Destructive College Presidents. **The American Prospect**, [s. l.], 22 abr. 2024. Disponível em: <https://prospect.org/blogs-and-newsletters/tap/2024-04-22-self-destructive-college-presidents-antisemitism/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

LEGUM, J. Columbia University protests and the lessons of “Gym Crow”. **Popular Information**, [s. l.], 22 abr. 2024. Disponível em: <https://popular.info/p/columbia-university-protests-and>. Acesso em: 5 nov. 2024.

LORDON, F. End of Innocence. **New Left Review**, London, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://newleftreview.org/sidecar/posts/end-of-innocence>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MAHDAWI, A. Will the ‘cancel culture’ crowd speak up about the silencing of Asna Tabassum? Don’t hold your breath. **The Guardian**, London, 17 abr. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/apr/17/usc-valedictorian-speech-canceled-palestine>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MAZZA, P. Vilification and Violence Hurlled Against Gaza Protests Shows They Hit a Nerve. **COUNTERPUNCH**, [s. l.], 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2024/05/02/vilification-and-violence-hurled-against-gaza-protests-shows-they-hit-a-nerve/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MCLEAN, E. Fascism’s History Offers Lessons about Today’s Attacks on Education. **Scientific American**, [s. l.], 7 abr. 2024. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/fascisms-history-offers-lessons-about-todays-attacks-on-education/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MEANS, A. J.; IDA, Y.; MYERS, M. Teaching beyond dread. **Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies**, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 1-7, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/10714413.2024.2306079>

MISHRA, P. The Shoah after Gaza. **London Review of Books**, London, v. 46, n. 6, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v46/n06/pankaj-mishra/the-shoah-after-gaza>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MPOKE BIGG, M. M. Netanyahu Calls U.S. Student Protests Antisemitic and Says They Must Be Quelled. **New York Times**, New York, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/04/24/us/netanyahu-israel-us-college-protests.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PAUL, A. The McCarthyist attack on Gaza protests threatens free thought for all. **FAIR**, [s. l.], 19 abr. 2024. Disponível em: <https://fair.org/home/the-mccarthyist-attack-on-gaza-protests-threatens-free-thought-for-all/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ROBINSON, W. I. Israel Has Formed a Task Force to Carry Out Covert Campaigns at US Universities. **Truthout**, Sacramento, 23 mar. 2024. Disponível em: <https://truthout.org/articles/israel-has-formed-a-task-force-to-carry-out-covert-campaigns-at-us-universities/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SANDERS, B. NEWS: Sanders Responds to Netanyahu's Claim that Criticism of the Israeli Government's Policies is Antisemitic. **Bernie Sanders U.S. Senator for Vermont**, [s. l.], 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.sanders.senate.gov/press-releases/news-sanders-responds-to-netanyahus-claim-that-criticism-of-the-israeli-governments-policies-is-antisemitic/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SAVIO, M. Sit-In Address on the Steps of Sproul Hall. **American rhetoric: top 100 Speeches**, Berkeley, 2 dez. 1964. Disponível em: <https://www.americanrhetoric.com/speeches/mariosaviosproulhallsitin.htm>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SCHRECKER, E. Yes, these bills are the new McCarthyism. **Academe Blog**, [s. l.], 12 set. 2021. Disponível em: <https://academeblog.org/2021/09/12/yes-these-bills-are-the-new-mccarthyism/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

TAMAS, G. M. On Post-Fascism. **Boston Review**, Boston, 1 jun. 2000. Disponível em: <https://bostonreview.net/articles/g-m-tamas-post-fascism/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

UNITED NATIONS. UN experts deeply concerned over 'scholasticide' in Gaza. **United Nations Human Rights**, Geneva, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/04/un-experts-deeply-concerned-over-scholasticide-gaza>. Acesso em: 5 nov. 2024.

VERMA, P. They criticized Israel. This Twitter account upended their lives. **The Washington Post**, Washington, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2024/04/16/stop-antisemitism-twitter-zionism-israel/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

Recebido em 10/09/2024

Aceito em 04/11/2024

Publicado online em 25/11/2024